

As Escrituras (2): formação do cânon e outras considerações

Por Alcides Barbosa de Amorim



Na imagem, à esquerda, **Moisés**, obra do renascentista Michelangelo, primeiro escritor; e à direita, **João**, o apóstolo amado, último escritor da Bíblia Sagrada.

No capítulo (post) anterior, vimos informações mais internas sobre a Bíblia, isto é, aquilo que ela fala de si mesmo, destacando sua revelação, inspiração, inerrância e infalibilidade. Neste, dando prosseguimento à nossa série de estudos sobre Doutrinas Bíblicas, GOTEJANDO OS DITOS DO SENHOR, queremos refletir sobre como a Bíblia veio a surgir como tal, transformando no cânon cristão, suas divisões internas – intertestamentárias – e alguns enfoques sobre os livros apócrifos ou deuterocanônicos.

1. O Cânon do Antigo Testamento

“Pelo que, esta geração será considerada responsável pelo sangue de todos os profetas, derramado desde o princípio do mundo: desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o santuário. Sim, eu lhes digo, esta geração será considerada responsável por tudo isso” (Lc 11.50-51)

O termo “**cânon**” deriva do grego *kanōn*, que designava uma medida de carpinteiro (talvez derivado do hebraico *qāneh*, que se refere a uma **vara de medir**, de seis côvados de comprimento), e tem sido usada para identificar aqueles livros considerados espiritualmente superlativos, em comparação com os quais os outros eram medidos e achados de valor secundário no uso geral da igreja. Para os cristãos primitivos e para (posso afirmar) o protestantismo reformado e conservador, esta “vara de medir” refere-se a um grupo de livros reconhecidos como regra de fé e prática.

Durante mais de mil anos de história dos judeus, eles praticavam sua religião, sem ver a necessidade de um cânon padrão. Com o tempo, porém, acreditamos que por providência divina, eles foram se preocupando com o assunto. E durante o período Inter bíblico ou intertestamentário¹, surgiram diversos livros, considerados apócrifos ou pseudoepígrafos que se juntaram aos demais considerados canônicos ou sagrados. Uma tradução dos livros judaicos para o grego feita nesta época é a **Septuaginta** ou versão dos Setenta (LXX), ocorrida possivelmente, durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo (285-245 a.C.), para a sua biblioteca em Alexandria, no Egito. Esta versão recebeu este nome por causa da quantidade de tradutores, um tanto inexata, que era de setenta e dois anciãos, e foi feita também para atender a conveniência de alguns judeus de fala grega, que por causa da influência do helenismo² desconheciam sua própria língua.

Precisamos considerar que a versão dos LXX, embora tenha sido popularizada com a expansão do helenismo e da língua grega, seus tradutores não se limitaram a traduzir apenas os livros considerados canônicos pelos judeus. Eles traduziram os demais livros judaicos disponíveis. O trabalho dos **massoretas**³ (transmissores), substitutos dos antigos escribas (os Sopherim), foi importante para fazer a seleção dos livros, considerados canônicos dos demais, além de trabalhar para a vocalização e acentuação dos textos. Assim, um **Texto Massorético (TM)** veio a ser o texto padrão (*Tenah*) utilizado como cânon, por volta do 1º século a.C., contendo 22 livros, e utilizado nos tempos de Jesus. Archer Jr.⁴, fala desta uma divisão do cânon hebraico de edição massorética, da seguinte forma:

- Os livros da **Lei** (Pentateuco) ou **Torá**: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio – 5 livros.

¹ **Inter bíblico** é o nome que se dá ao período que vai de Malaquias, último profeta do Antigo Testamento (segundo nossas versões) até João Batista, no Novo Testamento. Foi um período de aproximadamente 400 anos, em que os judeus eram dominados primeiramente pelos persas e depois pelos romanos e sob influência da filosofia e língua gregas.

² O **Helenismo** foi a junção da cultura grega com outras do mundo oriental (mesopotâmica, egípcia, persas...), propagada por Alexandre, o Grande, portanto, durante o período Inter bíblico, e que influenciou muito o povo judeu e todo o mundo romano, ao mesmo tempo em que foi útil para a propagação do cristianismo.

³ “Os **massoretas** eram os estudiosos que deram ao texto do Antigo Testamento sua forma final, entre 500 e 950 d.C. Receberam este nome porque conservaram por escrito a tradição oral (ou ‘massora’) no que diz respeito a vocalização e acentuação certa do texto, e o número de ocorrências de palavras raras e ortografias pouco comuns. Receberam o texto consoantal [sic] sem vocalização, da parte dos Sopherim, e intercalaram os pontos vocálicos que deram a cada palavra sua pronúncia e forma gramatical exatas” (ARCHER Jr. Op. Cit., p. 65).

⁴ ARCHER: 1984, pp. 70-71.

- Os **Profetas** (Neviim):
 - **Anteriores:** Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis – 6 livros.
 - **Posteriores** – Maiores (Isaías, Jeremias, Ezequiel) e os doze Profetas Menores – 15 livros.
- Os **Escritos** (Kêtuvim):
 - **Poesia e Sabedoria:** Salmos, Provérbios e Jó, os **Rolos** ou Megilloth (lidos no ano litúrgico) que são Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester – 8 livros.
 - **Históricos:** Daniel, Esdras, Neemias e 1 e 2 Crônicas – 5 livros.

Fiz questão de somar a quantidade de cada divisão interna do texto acima, totalizando 39 livros, pois esta corresponde ao atual Antigo Testamento (Veja as divisões abaixo) da Bíblia utilizada pela maioria dos protestantes, embora a ordem seja diferente. Daniel, por exemplo, está, em nossa Bíblia, entre os Profetas Maiores, enquanto para os judeus, ele está entre os históricos. Há ainda outras considerações, mas apenas para nota, nosso último livro do Antigo Testamento é o do profeta menor, chamado Malaquias, enquanto o do atual cânon judaico é 2Crônicas. Na verdade, “... a Bíblia protestante atual em nossa língua segue a ordem da Vulgata Latina [da qual falaremos mais à frente] e o conteúdo da Bíblia Hebraica” (J.R. MICRAY. In: ELWELL: 1990, Vol. I, p. 178). (Veja o vídeo de Yago Martins no final, quando ele cita Josefo fazendo referência aos 22 livros divinos dos judeus “considerados divinos”).

Destaco também aqui o texto de Lucas Banzoli⁵, no qual ele faz referência às palavras de Jesus, que mencionei como cabeçalho deste capítulo: “*Pelo que, esta geração será considerada responsável pelo sangue de todos os profetas, derramado desde o princípio do mundo: desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o santuário. Sim, eu lhes digo, esta geração*”

⁵ BANZOLI, Lucas. “De Abel até Zacarias”: O cânon bíblico de Jesus. Disponível em: <<http://www.lucasbanzoli.com/2018/07/de-abel-ate-zacarias-o-canon-biblico-de.html>>. Banzoli destaca as divergências entre os teólogos em relação ao Zacarias mencionado nas palavras de Jesus, mas ele defende que o referido Zacarias era o filho de Baraquias, conforme Mateus 23.35. Embora na ordem dos livros este Zacarias foi o autor do penúltimo livro, conforme costa em nossa Bíblia, mas ele foi o último mártir, para efeito de consideração do cânon do Antigo Testamento. O Novo Dicionário da Bíblia (Vide Bibliografia) comenta, sobre o que alguns pensam, que nesta passagem bíblica “... o Senhor Jesus se referia ao martírio de Zacarias, filho de Joiada, em 2Cr 20-22, e que o equívoco a respeito do nome do pai de Zacarias seria ou devido a erro do evangelista [Mateus], ou então, visto que não ocorre nos melhores manuscritos do Evangelho de Lucas, que as palavras ‘filho de Baraquias’ seriam uma adição do copista. Visto que o livro das Crônicas é o último livro da Bíblia hebraica, o aparecimento dos nomes de Abel e Zacarias, nesse versículo do Novo Testamento, seria o equivalente à nossa frase ‘de Gênesis ao Apocalipse’. Mas pode ser, como afirma Banzoli: de “A” (de Abel), a “Z” (de Zacarias).

será considerada responsável por tudo isso” (Lc 11.50-51). Banzoli considera este período citado por Jesus, os dois extremos entre Abel (primeiro mártir da história humana) até Zacarias, o último mártir (não o último livro, pois em nossa Bíblia, o último livro é Malaquias e na Bíblia Hebraica, o último é 2Crônicas, como já vimos) do Antigo Testamento, como sendo o cânon que Jesus aprovou em seus dias. Nesse caso, especifica Banzoli, Jesus estava mostrando uma continuidade temporal, de Abel até Zacarias ou de A à Z, como começo e final, respectivamente, do cânon de seu povo, os judeus. “Uma vez que este Zacarias foi o último profeta canônico que sofreu martírio, a sentença ‘de Abel até Zacarias’ faz todo o sentido, pois compreende todo o período de revelação do Antigo Testamento considerando a história dos mártires, a qual começa em Abel e termina em Zacarias.” (BANZOLI).

Desta forma, o Texto Massorético (TM) da Septuaginta (ou de Abel a Zacarias), ou seja, o texto tradicional do povo judeu, sem a inserção de outros livros, considerados apócrifos, era o cânon utilizado por Jesus e seus apóstolos, e foi também dos cristãos primitivos e corresponde ao Antigo Testamento da Bíblia Protestante.

2. O cânon do Novo Testamento

“Para ele [Atanásio], como para Clemente, a regra da fé e o conteúdo da Escritura eram idênticos. A tradição, segundo Atanásio, só tem autoridade quando está de acordo com a Escritura. Como ele faz ver claramente em sua carta pascoal de 367, o cânone neotestamentário é definitivo”.⁶

Em relação ao **Novo Testamento**, este é parte exclusiva da Bíblia cristã, não utilizada pelos judeus não cristãos, por razões óbvias, como o fato de eles não aceitarem a pessoa de Jesus como o Cristo ou Messias. E foi, ademais, o resultado de muita discussão para as escolhas dos livros que comporiam esta parte das Escrituras, no decorrer do segundo século, após a morte de todos os apóstolos. Em meados do século II, os mestres cristãos decidiram incluir no cânon neotestamentário os quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), chamados por Eusébio (3, XXV), de “*a santa tétrade dos Evangelhos*”, dentre muitos outros, como os Evangelhos de Tomé, Pedro e Matias, por exemplo. Depois, juntaram-se aos Evangelhos, o livro de Atos e as epístolas paulinas. Estas foram as primeiras a

⁶ In: HÄGGLUND (Op. Cit., p. 67).

conseguir aceitação geral. “*Outros livros, tais como o Apocalipse, a Terceira Epístola de João, e a Epístola de Judas, demoraram mais tempo em ser universalmente aceitos.*” (GONZÁLEZ: 1995a, p. 102).

Mas não havia ainda um cânon padrão para o Novo Testamento. Este trabalho tornou-se necessário, principalmente depois do surgimento de heresias como resultado de um sincretismo religioso que veio a preocupar os pais da igreja⁷ que buscaram uma doutrina única para servir de base escrita e fidedigna para a fé cristã.

A escolha dos atuais 27 livros “genuínos” ou “canônicos”, bem como seu veredicto como parte do cânon, não foi obra apenas dos homens piedosos cristãos daquela época, mas foi direcionada pelo Espírito Santo. Já pelos fins do século II, estes livros já estavam definidos, mas as discussões acerca de sua canonicidade continuaram. “*Essas discussões, sem dar-se por encerradas definitivamente, foram concluídas, a grosso modo [negrito no original], no Oriente (com exceção da Síria) e no Ocidente, pelo fim do século IV. As duas decisivas datas são, para o Oriente, a 39ª carta pascal de Atanásio, em 367, e para o Ocidente, o Sínodo de Roma de 382, e os Concílios africanos de Hipona (393) e de Cartago (367)*” (CULLMAN: 1984, p. 117).

Portanto, no Concílio de Cartago (367) ficou definida a lista dos 27 livros que adotamos atualmente, e compõem o cânon do Novo Testamento que é aceito pelos três principais segmentos do Cristianismo: Igreja Católica, Igreja Ortodoxa Grega e pelos protestantes. Mas a decisão indiscutível para se usar este cânon com o nome de Escrituras divinas a serem lidas nas igrejas, ocorreu em 397, no outro Concílio de Cartago.

3. Divisões da Bíblia e outras considerações

“A união do Novo Testamento ao Antigo Testamento em uma mesma ‘Bíblia’ significa por uma parte que se realizou, realiza-se e se realizará um plano divino sobre uma linha histórica particular, escolhida por Deus e que se desenrola, desde as origens até o fim, dentro da história geral” (CULMANN: 1984, p. 120).

⁷ “Quando falamos nos Pais Apostólicos [ou Pais da Igreja], geralmente nos referimos a alguns autores cristãos do fim do primeiro século e do início do segundo, cujos escritos chegaram até nós. Estes escritos – em sua grande maioria de natureza incidental (cartas, homilias) – são de valor para nós porque, ao lado do Novo Testamento, são as fontes mais antigas que possuímos como testemunho da fé cristã” (HÄGGLUND: 2003, p. 13).

Queremos destacar aqui as divisões do Antigo e Novo Testamentos e fazer algumas observações sobre os apócrifos constantes na Bíblia utilizada pela Igreja Católica.

a) Divisões do Antigo Testamento⁸:

Depois de vermos que a Bíblia Hebraica possui 22 livros e que os mesmos correspondem ao Antigo Testamento da Bíblia utilizada pelos cristãos protestantes, num total de 39 livros, vejamos como se dá em geral sua divisão:

- Lei ou Pentateuco: Gênesis (Gn); Êxodo (Ex) Levítico (Lv); Números (Nm) e Deuteronômio (Dt) – 5 livros.
- Históricos; Josué (Js); Juízes (Jz); Rute (Rt); 1 e 2 Samuel (1Sm, 2Sm); 1 e 2 Reis (1Re, 2Re); 1 e 2 Crônicas (1Cr, 2Cr); Esdras (Ed), Neemias (Ne) e Ester (Et) – 12 livros.
- Poéticos e Sapienciais: Jó (Jó); Salmos (Sl); Provérbios (Pv); Eclesiastes (Ec); Cantares de Salomão (Ct) e Lamentações de Jeremias⁹ (Lm) – 6 livros.
- Proféticos:
 - ⇒ Profetas Maiores¹⁰: Isaías (Is); Jeremias (Jr); Ezequiel (Ez) e Daniel (Dn) – 4 livros.
 - ⇒ Profetas menores: Oseias (Os); Joel (Jl); Amós (Am); Obadias (Ob); Jonas (Jn); Miqueias (Mq); Naum (Na); Habacuque (Hc); Sofonias (Sf); Ageu (Ag); Zacarias (Zc) e Malaquias (Ml) – 12 livros

b) Divisões do Novo Testamento:

As divisões dos 27 livros do Novo Testamento podem ser (sugestão minha) da seguinte ordem:

- Evangelhos: Mateus (Mt); Marcos (Mc); Lucas (Lc) e João (Jo) – 4 livros.
- Histórico: Atos dos Apóstolos (At) – 1 livro apenas.
- Epístolas ou Cartas:
 - ⇒ Paulinas: Romanos (Rm); 1 e 2 Coríntios (1Co, 2Co); Gálatas (Gl); Efésios (Ef); Filipenses (Fp); Colossenses (Cl); 1 e 2 Tessalonicenses (1Ts, 2Ts); 1 e 2 Timóteo (1Tm, 2Tm); Tito (Tt); Filemon (Fm) – 13 livros.

⁸ A presente divisão é adaptada da Bíblia Sagrada com referências e anotações de Dr. C. I. Scofield, edição de 1987. Além das divisões com os nomes dos livros, achei importante descrever também a forma de abreviações normalmente aceitas e a quantidade de livros de cada divisão.

⁹ Scofield coloca Lamentações entre os profetas. Achei melhor, como aprendi em alguma ocasião, coloca-lo entre os poéticos, embora seja de autoria de um profeta: Jeremias.

¹⁰ Aqui também o Dr. Scofield utilizou uma contagem diferente: ele não separa profetas maiores de menores, e sim todos juntos: profecias.

⇒ Gerais> Hebreus (Hb); Tiago (Tg); 1 e 2 Pedro (1Pe, 2Pe); 1, 2 e 3 João (1Jo, 2Jo, 3Jo) e Judas (Jd) – 8 livros.

- Profético: Apocalipse (Ap) – 1 livro apenas.

Apócrifos ou deutero-canônicos e a Vulgata

Já vimos acima que durante o Período Inter bíblico surgiram diversos livros e textos que não foram incluídos na Bíblia Hebraica. São os chamados apócrifos (gr. Apokrypha = “coisas ocultas” ou “escritos fora do cânon”). Estamos nos referindo, obviamente, ao Antigo Testamento da Bíblia protestante. “*Cerca de treze livros perfazem os apócrifos: 3 e 4 Esdras, Tobias, Judite, o Restante de Ester, a Sabedoria de Salomão, Eclesiástico (que também é chamado a Sabedoria de Jesus, Filho de Siraque), Baruque, a Carta de Jeremias, os Acréscimos a Daniel, a Oração de Manassés e 1 e 2 Macabeus*” (D. H. WALLACE. In.: ELWELL: 1990. Vol. I, p. 96).

No final do século IV e início do século V, **Jerônimo** (347-419) fez uma tradução da Bíblia Hebraica para o latim, que ficou conhecida como **Vulgata** (divulgada ou popular). Na sua Bíblia, Jerônimo conserva parte dos livros dos apócrifos citados acima, Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico (ou Sabedoria de Jesus bem Sirach), Baruque, 1 e 2 Macabeus (7 livros), além de acréscimos nos livros Ester e Daniel. Mas é importante destacar que Jerônimo faz questão de escrever diversas notas sobre estes livros e acréscimos. Só para citar um exemplo, depois de Ester 10.3¹¹, há uma destas notas que diz: “*Traduzi com toda a fidelidade o que se acha no texto hebraico. As passagens que seguem [Ester 10.4 a seguir], encontrei-as apenas na edição ‘vulgata’ (isto é, ‘divulgada’) em língua e caracteres gregos e as coloquei aqui no fim do livro, marcados – como é nosso costume – com o óbelo, quero dizer, o sinal distintivo à margem*”. Segundo os editores da referida Bíblia, “... a edição ‘vulgata’ de que fala São Jerônimo, é a antiga versão itálica, usual naquele tempo”. Jerônimo considera estes livros acrescentados em posição secundária aos demais. E ao que parece esta atitude foi uma recomendação de Agostinho de Hipona, com o qual Jerônimo teve várias divergências. GONZÁLEZ (1995b, pp. 160-161) afirma sobre uma carta de Agostinho destinada a Jerônimo sugerindo ele acrescentar “... *notas que mostrem claramente em que pontos tua versão [a Vulgata de Jerônimo] difere da Septuaginta, cuja autoridade é inegável...*”

¹¹ Bíblia Sagrada (Centro Católico), 25ª edição. São Paulo, Ed Ave Maria, 1978.

Além disso não vejo como, depois de tanto tempo, alguém possa descobrir nos manuscritos hebraicos alguma coisa que tantos tradutores e bons conhecedores da língua hebraica não tenham visto antes”.

Bem, no Concílio de Trento, no século XVI, a Igreja Católica oficializou esta versão da Bíblia de Jerônimo, diferentemente do ramo protestante. E estes livros e acréscimos passaram a ser chamados pelos católicos de "**deuterocanônicos**.", isto é, uma espécie de segundo cânon ao lado dos demais livros, enquanto os protestantes os colocam no mesmo nível dos demais apócrifos.

Considerações finais:

Vimos como os judeus viveram por muito tempo sem um texto padrão que lhes servissem como um cânon. Mas com o tempo, houve a necessidade deste trabalho o que foi possível até por volta do século I a.C. aproximadamente. E como os cristãos são, na sua origem, uma comunidade que de certa maneira deu continuidade ao trabalho dos judeus em um novo momento – Nova Aliança –, o cânon dos judeus passou a ser também o cânon dos cristãos.

Ao texto judaico, Antigo Testamento foi acrescentado outro, pelos cristãos, que veio a ser chamado Novo Testamento, que também contou com providência divina na história de sua formação e formatação. Bom seria destacar aqui ainda, como a Bíblia Sagrada em seu todo foi dividida em capítulos e versículos e como chegou até nós o primeiro volume em Português, mas estes são assuntos que poderão ocupar outro ou outros capítulos...

Sugiro, para finalizar, o acompanhamento de todo o processo de formação do cânon, em vídeo de **Yago Martins** a seguir:

=====
== <https://www.youtube.com/watch?v= 9MhhwzfW7o> ==
=====

Referências bibliográficas:

ARCHER Jr., Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Vida Nova, 3ª edição, 1984.

BANZOLI, Lucas. *“De Abel até Zacarias”*: O cânon bíblico de Jesus. Disponível em: <<http://www.lucasbanzoli.com/2018/07/de-abel-ate-zacarias-o-canon-biblico-de.html>>. Acesso em: 21/03/2019.

- CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã*. Rio de Janeiro, 1999.
- CULLMAN, Oscar. *A formação do Novo Testamento*. São Leopoldo (RS). Sinodal, 1984.
- DOUGLAS, J. D. (Editor Organizador). *O Novo Dicionário da Bíblia*, Volumes I, II e III. São Paulo: Vida Nova, 1979.
- ELWELL, Walter. A. (Editor). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, Vol. I, II e III. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- GONZÁLEZ, Justo L. *E até aos confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo*, Vol. 1 – A era dos mártires. São Paulo: Vida Nova, 1995a.
- _____, Justo L. *E até aos confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo*, Vol. 2 – A era dos gigantes. São Paulo: Vida Nova, 1995b.
- HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. Porto Alegre: Concórdia: 2003.